

OS CHIQUITANOS EM UM ESPAÇO TRANSNACIONAL: ESTUDO BIBLIOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS NA PROVÍNCIA DE VELASCO, BOLÍVIA

VIEIRA, Suzane de Alencar¹; **SILVA**, Joana Aparecida Fernandes²

Palavras-chaves: transnacionalidade, identidade étnica, fronteira.

1. Introdução

O presente estudo foi desenvolvido com o intuito de compor outros capítulos escritos em castelhano da trajetória do povo chiquitano no espaço de fronteira entre Brasil e Bolívia. Esse novo foco de análise incide sobre a organização dos chiquitanos no espaço transnacional e fronteiriço, acompanha o avanço capitalista na região de fronteira e discute a relação entre os marcos étnicos e nacionais, dimensionando a complexa elaboração da identidade étnica dos Chiquitanos.

A identidade Chiquitana foi forjada pela experiência reducional jesuíta na região do oriente boliviano a partir da religião católica, das características culturais do povo e da língua Chiquita e da incorporação de outras etnias não Chiquitas (TOMICHA CHARUPÁ, 2002). Nos anos seguintes, territórios, nações, culturas, identidades se desintegraram e se recriaram constantemente.

Brasileiros, bolivianos, indígenas ou, simplesmente, Chiquitanos. Este é o dilema do povo Chiquitano que, depois de várias definições e redefinições fronteiriças, foi dividido pela fronteira Brasil-Bolívia, entre o departamento boliviano de Santa Cruz de la Sierra e o estado brasileiro de Mato Grosso. Na Bolívia, os Chiquitanos vivem nas províncias do Circuito Missionário: San Javier, Concepción, San Ignacio de Velasco, San Miguel, San Matias, San Rafael, San José de Chiquitos e Santo Coración, ou em comunidades adjacentes. Longe da região das missões alguns Chiquitanos vivem em Lomerío (antiga área de refúgio) e no Bajo Paraguá (onde os Chiquitanos se assentaram, na época da construção da ferrovia Santa Cruz - Corumbá). E no Brasil, os Chiquitanos habitam a região Sudoeste de Mato Grosso.

2. Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e etnográfica do tipo comparativa qualitativa. Apóia-se em estudos antropológicos sobre identidade étnica, fronteira e transnacionalidade tendo como interlocutores a geopolítica e história.

A primeira fase desta pesquisa foi dedicada à iniciação à temática indígena brasileira. As leituras sobre etnologia indígena foram necessárias para proporcionar uma aproximação cuidadosa a um universo de pesquisa muito especial: povo indígena Chiquitano. Depois das leituras de pesquisas produzidas sobre essa etnia, iniciei uma discussão conceitual envolvendo Transnacionalidade.

¹ Bolsista de iniciação científica – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, curso de Ciências Sociais, suzanealencar@hotmail.com

² Orientadora – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia – Departamento de Ciências Sociais joana.fernandes@gmail.com

Os caminhos para abordar esse conceito ou condição transnacional seguiram as propostas de Gustavo Lins Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira. Na segunda fase da pesquisa, tais dados foram atualizados e complementados pelo trabalho de campo realizado entre os dias 9 e 19 de julho de 2006.

O circuito de minha viagem percorreu vários recortes da identidade e da cultura Chiquitanas e se completou em oito dias tendo como paradas duas cidades próximas à fronteira: Cáceres, no Brasil e San Ignacio, na Bolívia; e uma região rural situada em pleno marco fronteiriço: o destacamento de Fortuna.

Na experiência de campo, a observação participante foi meu instrumento de pesquisa e de reflexão norteadas pelo princípio teórico da relativização. Busquei orientar-me pela “via analítica” de Roberto Cardoso de Oliveira que preconiza a análise de relações sociais e interétnicas combinadas às ideologias étnicas.

3. Resultados e discussão

A fluidez da identidade Chiquitana, sob o foco de RIBEIRO (1997), pode ser interpretada como a expressão da dificuldade própria à condição transnacional de se reconhecer pertencimento a uma unidade social, política e cultural, muitas vezes, sujeita à influência de discursos de grupos hegemônicos.

Outras marcas de transnacionalidade do espaço Chiquitano:

- Envolvimento com a economia global a partir de atividades como agricultura, pecuária e extração da borracha, desde o período colonial boliviano.
- No contexto boliviano, os movimentos e organizações indígenas Chiquitanas, marcantes na história do país, atuam em âmbitos local, através da OICH (*Organización Indígena Chiquitana*), nacional, com a CIDOB (*Confereración de Pueblos Indígenas de Bolívia*), internacional juntamente a organizações dos povos indígenas do Chaco ou da Amazônia e transnacional como nação indígena amparada no direito indígena internacional, com o apoio de ONGs. Entre os Chiquitanos do Brasil, o nível de organização política é menor. Entretanto, chiquitanos de ambos os lados da fronteira estão envolvidos em reivindicações por terras.
- A região da fronteira Brasil/Bolívia é caracterizada por um intenso fluxo de pessoas de diferentes nacionalidades e regiões do país. Esse aspecto influi na composição cultura de contato e da situação interétnica em que estão inseridos os Chiquitanos.
- O turismo em Cáceres e San Ignacio é também um dos indícios da condição da Transnacionalidade, já que perfaz a ligação entre o local e o internacional.

A tentativa de apreender a identidade ou as identidades assumidas pelos Chiquitanos de forma unívoca é uma tarefa inviável devido à multiplicidade de situações em que esse povo se insere:

Na comunidade de Fazendinha, na região do destacamento militar de Fortuna (Brasil), ser ou não indígena depende da decisão individual, uma vez que não há unanimidade.

Em Cáceres, recai sobre os Chiquitanos o termo pejorativo “bugre” empregado pela população não-indígena para se referir à população indígena.

Na cidade de San Ignacio que fora antiga missão jesuíta, todos se denominam Chiquitanos. Essa auto-identificação está relacionada à memória das missões jesuítas, fortemente presente na cidade. No contexto da polarização regional boliviana, os Chiquitanos assumem a condição *camba* (população do oriente boliviano) em oposição aos *collas* (população do altiplano).

Na relação entre os Chiquitanos de ambos os países, sobressaem-se as diferenças de nacionalidade. Ainda que os Chiquitanos brasileiros identifiquem alguma descendência ou raiz cultural boliviana, os bolivianos são tratados como um “outro”.

A dificuldade dos Chiquitanos brasileiros e bolivianos em assumir a identidade indígena deve-se, por um lado, aos constrangimentos das situações de contato interétnico em ambos os países e, por outro, à concepção boliviana de índio como designação para povos “silvícolas”, “atrasados” e “primitivos” em oposição ao *campesino* que, na linguagem popular boliviana, possui um significado mais relacionado à etnia que à atividade econômica (ALBÓ, 1997).

Conforme a situação de contato interétnico contrastiva e manipulável, a identidade Chiquitana se redefine constantemente. Dessa forma, a identidade étnica Chiquitana é formulada com referência ora à região da *Chiquitanía*, ora ao passado missioneiro e à religião católica, na Bolívia, ora à língua Chiquita ou à posse da terra, nos dois países. Essas elaborações discursivas e ideológicas de identidade são constrangidas pelo preconceito contra o indígena e por pressões de fazendeiros em ambos os países.

4. Conclusões

Esse estudo comparativo trouxe elementos de uma situação sociocultural extremamente complexa de grande diversidade étnica conjugada às diferenças de nacionalidade, interessantes para se pensar identidade étnica Chiquitana. As regiões de fronteiras internacionais são espaços de intenso intercâmbio cultural, constituem sistemas internacionais e interétnicos altamente dinâmicos.

Nos oito dias de viagem pela região de fronteira, foi possível compor o círculo de relações e as diferentes situações de contato interétnico em que se inserem o povo Chiquitano. E apesar de se ter identificado semelhanças culturais entre os Chiquitanos dos dois países, é no campo da identidade que se verificam distinções. Na Bolívia, o discurso em torno da identidade dos Chiquitanos dispõe para sua elaboração de mais elementos colhidos no passado das missões jesuíticas que lhe conferem respaldo, enquanto as elaborações sobre a identidade Chiquitana, no Brasil, são constrangidas por preconceitos e pela questão fundiária.

A existência desse povo com características tão peculiares demonstra a grande flexibilidade da cultura e o quanto são tênues e manipuláveis os limites étnicos.

5. Referências bibliográficas

ALBÓ, Xavier. *Imágenes y auto imágenes en el movimiento étnico boliviano*. Revista Horizontes Antropológicos, n.6, out. 1997.

BAINES, Stephen G., OLIVEIRA, Roberto Cardoso (Orgs.). Introdução. In: _____. *Nacionalidade e etnicidade em fronteiras*. Brasília: editora UnB, 2005. (p. 9-20). Coleção Américas.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *A condição da transnacionalidade*. Brasília: UNB, 1997. Disponível em: <<http://www.unb.br/ics/dan/Serie223empdf.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2006.

TOMICHA CHARUPÁ, Roberto. *La primera evangelización en las reducciones de Chiquitos, Bolívia (1691-1767)*. Cochabamba: UCB/Verbo divino/OFMConv., 2002.